

FBH: apenas 10 por cento têm assistência hospitalar

Sa
Sa

Um diagnóstico da atual situação de saúde no Brasil mostra que apenas 3% a 10% da população têm as suas necessidades médico-assistenciais e médicos-sanitárias satisfatoriamente atendidas; afirmou o Presidente da Federação Brasileira de Hospitais, Helvécio Boaventura Leite, ao analisar, durante conferência na sede da FBH, ontem, no Rio, os programas que vem sendo desenvolvidos pelo Governo para elevar esse padrão, através dos Ministérios da Previdência Social e da Saúde, e de modo especial do INPS.

Disse que no Brasil o número per-capta de atendimento, em cada ano, não chega a 1, enquanto na Alemanha Federal é de 10 e nos Estados Unidos atinge 5, tornando-se imprescindível a integração de todos os órgãos que atuam no setor, oficiais e particulares, para melhorar esse quadro. Os hospitais — como bens da comunidade a que servem — estão engajados nesses objetivo e precisam ser incentivados a desenvolver programas preventivos de saúde e não apenas se dedicar ao processo curativo.

DUAS CONSULTAS/ANO

Se isto não acontecer, com o crescimento da população, e o consequente aumento das necessidades assistenciais, a situação poderá se agravar nos próximos anos, pois já atingimos a 110 milhões e chegaremos a 1980 com 120 milhões de habitantes, segundo o próprio II Plano Nacional de Desenvolvimento. Helvécio Boaventura Leite disse que a III Reunião Especial dos Ministros de Saúde das Américas concluiu pela necessidade de cada País oferecer à seus habitantes duas consultas/ano

e um leito/dia/ano por pessoa.

Dentro do princípio de que a saúde é uma das principais metas do Governo e um dos itens básicos do desenvolvimento social, a Previdência Social está ampliando a assistência médico-hospitalar, que deverá beneficiar 80 por cento da população urbana em 1980, ou seja 60 milhões de pessoas, de vez que no fim da década cerca de 75 milhões de pessoas deverão viver nas cidades, correspondendo a quatro milhões de novos beneficiários anualmente. Helvécio Boaventura Leite disse que para manter o atual índice leito/habitante, que é de 3,5 por mil, e caiu 10 por cento entre 1971 e 1974, face ao aumento da população, serão necessários construir 11.485 novos leitos anualmente, até o ano 2.000. Devemos considerar que um hospital leva de 3 a 5 anos para ser construído e entrar em funcionamento, o que determinará uma queda dessa percentagem nos próximos anos, com a recuperação posteriormente, graças ao programa de construções com os recursos do Fundo de Apoio ao Desenvolvimento Social, da Caixa Econômica Federal.

Acreditamos que, com os esforços que estão sendo desenvolvidos agora, poderemos chegar à próxima década em melhores condições e recuperar a defasagem, atual, uma vez que esta é uma das metas do Governo Geisel. Temos que chegar a 1985 com o índice de 5 leitos por mil habitantes, o que exigirá a construção, em 10 anos, de mais 203 mil leitos, ou seja 20 mil por ano, correspondendo a um investimento anual de Cr\$ 1,2 bilhão, a preços atuais.

Finalizou o Presidente da Federação Brasileira de Hospitais afirmando que na prestação da assistência hospitalar o Governo deve incentivar a iniciativa privada, entregando a ela progressivamente a execução dos serviços. Devem ser incentivadas prioritariamente as iniciativas já comprovadamente eficientes, como a assistência aos beneficiários da Previdência Social, pois, sem os hospitais particulares (83,36 por cento dos existentes no País), a Previdência Social não poderá ampliar gradativamente o seu programa assistencial, como vem fazendo. Outro exemplo mencionado pelo Presidente da Federação Brasileira de Hospitais foi o convênio-empresa que, só no Estado de São Paulo, beneficia dois milhões de pessoas, que deixaram de ser atendidas pelo INPS, colaborando para desafogar os seus postos de atendimento, em benefício de outras camadas da população.